

México, um mês após o terremoto

Depois do devastador sismo, surgem as histórias dos milhares de pessoas que decidiram sair para as ruas apenas com uma ideia na mente: ajudar.

27/10/2017

19 de setembro, 1.15 pm. Primeiro, pôr-se a salvo. Depois, o medo e a confusão dos primeiros minutos. Por fim, a informação começa a fluir: os danos são graves.

São milhares as pessoas presas ou em perigo, mas milhões as que estão dispostas a ajudar. À volta dos edifícios derrubados e das zonas destruídas, os adultos que ainda recordam o terremoto de 85 e os jovens para quem este é o primeiro em que se unem para trabalhar.

A cadeia de ajuda percorre a sociedade inteira. Desde aqueles que estão no local, levantando pedaços de cimento partido, até àqueles que estão em casa, coordenando, movendo pessoas, levando alimentos, procurando médicos. Não houve uma só alma em toda a nação que não se movesse para ajudar quando chegou o momento. O México mobilizou-se para salvar os necessitados, e o mundo inteiro respondeu.

Duas semanas após o ocorrido, milhares de histórias surgem de todos os cantos do país. Muitas mais

são as que ficarão ocultas. Cada um destes heróis transformou o que tinha ao seu alcance e, mais ainda, ao inspirar-nos a seguir dando, ajudando e estendendo a mão.

Nas primeiras horas, no meio da confusão da cidade colapsada, muitos foram os que se mobilizaram sem esperar. O professor Diego Edwards, da Universidade Pan-americana, juntamente com a sua noiva, saiu com a sua moto – era impossível mover-se de automóvel – para resgatar pessoas; ao longo do dia, pôde transportar feridos para os hospitais e ajudar outros a se reunirem com as suas famílias; depois, organizaram uma frota inteira. A professora Lourdes Villanueva converteu-se no centro de logística; organizou centros de recolha durante os primeiros dias e mais tarde procurou famílias com necessidades concretas para ajudá-

las com o apoio de outras várias dezenas de doadores.

Nas escolas e clubes foram organizados de forma quase imediata centros de recolhimento para as doações de alimentos, tanto na Cidade do México como nas restantes cidades do país. Talvez o principal tenha sido o da UP em Mixcoac, que ajudou a organizar toneladas de alimentos, medicamentos, material de higiene e voluntariado e a organizar sua leva para os diferentes pontos. O Colégio Monteverde aliou-se às linhas aéreas Volaris para distribuir alimentos, e o Liceu del Valle organizou caminhões para enviar ajuda.

Os jovens que podiam colaborar – do Club Drakkar, da Universidade Pan-americana, o Colegio Cedros ou da RUP entre outros – organizaram-se, sem pensar duas vezes, e com picareta e pá na mão, foram às

comunidades de Puebla, Morelos e Tlaxcala para ajudar na remoção dos escombros. Pedro D., com apenas 12 anos, juntou-se aos seus irmãos mais velhos ajudar nesse trabalho, dizendo: "Não posso deixar de apoiar as necessidades dos outros".

Os que não podiam ir mandavam ajuda. Os que já tinham enviado acompanharam as buscas em oração também nas diferentes cerimônias eucarísticas que foram realizadas para oferecer às vítimas. As pessoas, incansáveis, preocupavam-se com os seus irmãos com uma só pergunta nos lábios: que mais posso fazer?

Ainda fica muito – muitíssimo – por fazer e reconstruir. São heróis não porque pediram para ser, mas porque, diante do desafio, souberam responder rapidamente e com generosidade.

A dor que se oferece jamais cai no vazio. Acompanhados pelo Prelado a

partir de Roma, todos deram tudo o que podiam e um pouco mais. Nossa Senhora de Guadalupe, que cuida desta terra, saberá inundar de bênçãos a vida que hoje nasce debaixo dos escombros.

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/mexico-um-mes-apos-o-terremoto/> (21/01/2026)